

MEDICINA, NAÇÃO E INFANCIA: BREVE TRAJETORIA INTELECTUAL DE FERNANDES FIGUEIRA**MEDICINE, NATION AND CHILDHOOD: BRIEF INTELLECTUAL TRAJECTORY OF FERNANDES FIGUEIRA**Fernanda Loch¹

Resumo: Neste artigo pretendeu-se discutir a figura do intelectual e médico Antônio Fernandes Figueira. A abordagem sobre esse ponto foi feita a partir de alguns pressupostos da História Intelectual, como noção de trajetória e mesmo engajamento como médico, figura pública, analisando aspectos da sua vida e suas obras, relacionadas à sua carreira e a sua preocupação com a mortalidade infantil. Para a construção deste artigo, foi utilizado principalmente o periódico *Brazil-Médico*, no período de atuação do Fernandes Figueira. Ainda foram usados jornais de grande circulação como o *Jornal do Commercio*, no período mencionado, exceto por uma reportagem póstuma datada de 20 anos após a morte do médico. Além do uso das fontes, empregou-se os debates com a historiografia relacionada ao Fernandes Figueira, aos pormenores das suas participações e obras. Também pretendeu-se refletir sobre o contexto em que Fernandes Figueira está inserido, trazendo aqui além de alguns aspectos mais gerais, os ideais higiênicos presentes naquela sociedade e o papel que os profissionais da medicina estavam ocupando. Fernandes Figueira, como um homem do seu tempo, é parte integrante deste movimento, refletindo os ideais higiênicos em suas obras, discursos e ações. Discursos podem refletir as ideias de um intelectual, individualmente, porém são colocadas por meio de uma posição social, e não de uma posição neutra e sem influências externas. Ainda, de maneira introdutória, abordou-se o “problema da infância” no contexto, no qual Fernandes Figueira teve ativa participação nas medidas idealizadas e levadas a cabo para amenizar tal problema.

Palavras-chave: Fernandes Figueira. Medicina. História intelectual.

Abstract: This article aims to discuss the figure of the intellectual and physician Antônio Fernandes Figueira. The approach on this point was made from some assumptions of Intellectual History, as notion of trajectory and even engagement as a doctor, public figure, analyzing aspects of his life and his works, related to his career and his concern with child mortality. For the construction of this article, we used mainly the journal *Brazil-Médico* in the period of operation of Fernandes Figueira. Widespread newspapers such as *Jornal do Commercio* were used in the period mentioned, except for a posthumous report dated 20 years after the doctor's death. In addition to the use of sources, we used the debates with historiography related to Fernandes Figueira, the details of his participations and works. It was also intended to reflect on the context in which Fernandes Figueira is inserted, bringing here beyond some more general aspects, the hygienic ideals present in that society, as well as the role that medical professionals were occupying. Fernandes Figueira, as a man of his time, is an integral part of this movement, reflecting hygienic ideals in his works, speeches and actions. Speeches may reflect the ideas of an intellectual individually, but they are placed from a social position, not from a neutral position

¹ Mestranda no programa de pós-graduação em História da Universidade estadual de Ponta Grossa, com área de concentração em História, Cultura e Identidades. E-mail: ferhh28@hotmail.com

without external influences. Also, in an introductory way, the “childhood problem” was approached in the context, in which Fernandes Figueira was actively involved in the idealized and carried out measures to alleviate this problem.

Keywords: Fernandes Figueira. Medicine. Intellectual history.

Neste artigo se pretendeu discutir a figura do intelectual e médico Antônio Fernandes Figueira. Os eixos temáticos, portanto, organizaram-se no princípio da formação de Fernandes Figueira, seu estudo no Colégio Imperial Pedro II, onde se formou em 1880, e posteriormente na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que concluiu em 1887 (SANGLARD, 2014, p. 86); em seguida, abordou-se a sua produção acadêmica no *Brazil-Médico*, entre outras obras publicadas e sua consagração enquanto pediatra; depois tratou-se do retorno do médico ao Rio de Janeiro, já no começo do século XX, e a ocupação de postos profissionais de destaque; por fim, discutiu-se o contexto higienista em que Fernandes Figueira viveu, e no qual, colocou em debate, as medidas que deveriam ser tomadas para a melhoria da saúde das crianças.

A formação do intelectual

Não ha certamente em todo o paiz quem não conheça este nome, aureolado por um brilhante prestigio conquistado em anos e anos de esforços resolutamente obstinados ao serviço de uma intelligencia incomum e de uma rara sensibilidade vibratil e delicadissima. Sensibilidade, ai de nós que foi a fragilidade unica daquelle character inteiriço, e que o fez cair, quem sabe, antes de haver soado a sua hora! (*Brazil Médico, 1928, p. 310*)

Com grande estima os colegas de Fernandes Figueira se despedem, por ocasião de seu falecimento, ocorrido em 11 de março de 1928, na sessão “Necrologia”, do periódico *Brazil-Médico*, como colocado no trecho acima. (NECROLOGIA, 1928, p. 310). E é esta a imagem que perdurou deste médico após a sua morte. Um intelectual extremamente admirado na sua área de atuação, que perpassava o ambiente público - através de suas inúmeras participações e postos profissionais durante a sua carreira, - e um pediatra preocupado com as doenças da infância, e com os problemas enfrentados pela sociedade do Rio de Janeiro relativos a esta faixa etária.

Um intelectual se configura enquanto ator social, justamente nessa interação com o seu contexto específico, com instituições, outros grupos. Mas esta interação depende

de como essa elite letrada é reconhecida na conjuntura em que se encontra. “As estruturas de sociabilidade variam, naturalmente, com as épocas e os subgrupos intelectuais estudados.” (SIRINELLI, 2003, p. 249). No cenário no qual Fernandes Figueira fazia parte “coexistiam tanto ‘velhos’ critérios de reconhecimento intelectual e ‘novos’ modelos de expressão das ideias quanto ‘velhos’ tipos sociais e ‘novas’ definições da atividade criadora.” (SÁ, 2006, p. 23).

Antônio Fernandes Figueira, nasceu em 13 de junho de 1863, e após o Colégio Pedro II, ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Se formou em medicina em 1887, na especialidade de pediatria. Tem nessa ocasião, portanto, o começo do seu caminho no qual teve a maior notoriedade e pelo qual é mais conhecido, o de médico pediatra.

Nesse contexto, dificilmente um médico era “apenas” um médico no Brasil de fins do século XIX e início do século XX. O “doutor” ou o “homem de letras” sabia “um pouco de tudo”. (SÁ, 2006, p. 47). “Nesses termos, tanto melhor era o letrado quanto mais eclético fosse”. (SÁ, 2006, p. 36). Mas em fins do século XIX, a intelectualidade começou a se especializar e, aos olhos da elite letrada do período, a ideia de uma dedicação aos estudos para ocupação profissional específica foi se fortalecendo. (SÁ, 2006, p. 14).

Os estudos de Fernandes Figueira começaram no Imperial Colégio Pedro II, onde recebeu o grau de bacharel em letras em 1880. (SANGLARD, 2016, p. 21). Além de médico, foi poeta. Adotou o pseudônimo de Alcides Flavio. Candido de Mello Firmino Leitão², o qual se refere a Fernandes Figueira como “mestre” numa matéria do *Jornal do Commercio*, em 1947, - quase vinte anos depois da morte do pediatra, - escreve as seguintes palavras:

Há vinte anos da morte de Fernandes Figueira, o maior dos pediatras brasileiros, e que, com Gregorio Araoz Alfaro, da Argentina, e Luis Morquio, do Uruguay, formavam a trindade da Pediatria sul-americana, elevando bem alto o conceito de nossa medicina de crianças nos cultos centros europeus. Seu livro de *Semiologia Infantil*, publicado em Paris e com lisongeiro prefácio de Hutinel,

² Segundo a página da Academia Nacional de Medicina, Cândido Firmino de Mello Leitão doutorou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1908, defendendo a tese intitulada “Da poliosteatoze visceral”. Foi interno do Hospital São Sebastião e Livre Docente da faculdade onde se formou. [...] Por algum tempo, o Dr. Mello Leitão dedicou-se à pediatria, colaborando muito com o compêndio de Pediatria de Fernandes Figueira, escrevendo nele um capítulo importante sobre cardiopatias congênitas. Adiante ficou conhecido como um eminente zoólogo do país. Além disso, foi inspetor sanitário concursado da Diretoria de Saúde Pública. Mais informações em: <http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=238>. Acesso em 17 de maio de 2019.

deu-lhe justo renome em todo o mundo médico. Mas sob essa armadura do sábio austero, do pesquisador sagaz, do clínico conhecer de todos os segredos da especialidade, do grande mestre, palpitava um coração *de artista, vivia um grande poeta* que fez de toda a sua existência a escalada de ideal inatingível. (grifo nosso)

Fernandes Figueira viveu e morreu como poeta, sempre dentro de um sonho, traduzido em múltiplos atos que, embora parecessem estranhos a muita gente, eram, para os que o souberam compreender, a expressão de nobre e elevada poesia. (LEITÃO, 1947).

Percebemos, com este trecho, um estatuto no mínimo duplo (pois além de médico, também era poeta) que o configuram enquanto intelectual. Mas afinal, o que define o estatuto de intelectual? Uma profissão? Uma posição institucional? Engajamento? “Vocação”? Esses são conceitos que Gérard Leclerc apresenta em seu livro *Sociologia dos Intelectuais*. Nele, Leclerc apresenta a abordagem sociológica de estudos dos intelectuais. “O intelectual parece fazer parte daquelas categorias sociais problemáticas que não são nem classes, nem profissões.” (LECLERC, 2004, p. 10).

Intelectuais³ são profissionais que detém uma posição de saber, uma posição de legitimidade de ideias e que de certa forma “anuncia a verdade”, seja ela uma verdade dogmática, ou uma verdade científica. Não é surpresa que estas figuras despertaram e despertam interesse dos/as historiadores/as, com diversas abordagens, dentro do que podemos chamar de história intelectual.

A abordagem de História intelectual não é o ato de instituir uma biografia. Pierre Bourdieu explica que muitas vezes, uma biografia pode ser limitada, através de um exemplo com as redes de trilhos de um metrô, no qual não se considera a matriz objetiva entre as diversas estações, apenas os trilhos. (BOURDIEU, 1996, p. 81). Ou seja, uma trajetória é construída através dos conjuntos de relações que se podem vincular com este indivíduo, suas redes de sociabilidades. Ao se analisar um intelectual, por exemplo, é importante saber aonde ele estudou ou como ele estudou, pois se faz parte

³ O conceito de intelectual como conhecemos hoje, e enquanto substantivo, surgiu por ocasião do caso Dreyfus. Alfred Dreyfus foi injustamente acusado de fornecer documentos secretos ao exército alemão. Preso em 1894, ele é julgado de maneira sumária e condenado à degradação militar e à deportação. Longe de ter sido somente um erro judiciário, o caso Dreyfus correspondeu a uma das maiores crises políticas da III República francesa. Um manifesto cuja assinatura remetia a intelectuais, reivindicavam, como protesto político, a revisão do processo de Dreyfus. Estes ditos intelectuais eram professores universitários, escritores, artistas e etc. e em grande número. In: SILVA, Helenice Rodrigues da. O intelectual no “campo” cultural francês: Do “Caso Dreyfus” aos tempos atuais. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 21, nº 34, jul./2005. p. 399.

fundamental da sua trajetória e construção de saberes e/ou relações de sociabilidade. Sendo assim, percebemos Fernandes Figueira enquanto cientista intelectual.

A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, instituição que Fernandes Figueira frequentou, está entre as primeiras instituições de medicina do Brasil. Os primeiros dois cursos médicos-cirúrgicos implantados estão datados de 1808, com a chegada da família real ao Brasil. Por meio de carta régia, em 18 de fevereiro de 1808, d. João VI criou a Escola Cirúrgica da Bahia. Ao chegar no Rio de Janeiro, inaugurou, em caráter de urgência, a Escola Cirúrgica do Rio de Janeiro. Até virar a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, passou por algumas reformas e reorganizações. A primeira foi em 1813, na qual a Escola Cirúrgica se transformou em Academia Médico-Cirúrgica, e implicou maior institucionalização dos cursos médicos, e novas regras relacionadas à formação foram implementadas. (SCHWARCZ, 1993, p. 194-195).

Antes da vinda da corte portuguesa, a prática médica no Brasil colonial era feita por curandeiros “herbalistas”, herdeiros de conhecimentos indígenas e africanos, que eram fiscalizados por agentes do Reino, ou pelos chamados cirurgiões-mores, mas estes também eram normalmente “amadores”. (SCHWARCZ, 1993, p. 192). Ou seja, a prática médica não era institucionalizada.

A partir da criação das escolas cirúrgicas, a medicina iniciou o seu processo de consolidação enquanto atividade diferente da “amadora”, ou seja, seu distanciamento “em relação aos que chamavam de ‘charlatães’ (todos os curandeiros, práticos, benzedeiros, herbalistas, barbeiros, sangradores, espíritas, boticários, homeopatas” (SÁ, 2006, p. 110), etc.), o que levou à fundação, em 1829, da Sociedade de Medicina. Foi a partir desse grupo que se elaborou o novo projeto de transformar as Academias Médico-Cirúrgicas em “Faculdades de Medicina”, em 1832, no qual agora concedia os títulos de doutor em medicina, farmacêutico e parteiro, abolindo o de sangrador. (SCHWARCZ, 1993, p. 196).

Diante desta institucionalização, a atuação e o papel dos médicos no Brasil começavam a se redefinir. Nesse sentido:

A criação de instituições de formação médica, sobretudo após 1870 (na Bahia e no Rio de Janeiro), não garantiu que o saber médico acadêmico fosse reconhecido socialmente como preponderante e hegemônico no atendimento à saúde. Nesse período, o médico deveria se fazer acreditar e é possível pensar na

hipótese de que os médicos, inicialmente, precisaram se preocupar mais com sua imagem do que com sua técnica. (PEREIRA, 2006, p. 89).

Os médicos “profissionais”, no sentido de serem formados por instituições, conviviam com as práticas de uma medicina popular, nem sempre rejeitando seus conhecimentos, até porque havia uma “falta de hábito” em solicitar atendimento dos raros médicos atuantes neste período, no qual a população comumente tinha o sentimento de que a cura de doenças era um ato de fé, ou solucionado de outras formas. (PEREIRA, 2006, p. 91). Concomitante a isso, os médicos se colocavam como vozes da ciência, diferente dos “outros” (curandeiros, parteiras, homeopatas, etc.).

Na medida em que mais médicos se formavam, - significando mais concorrência, - houve uma segmentação do mercado de profissionais da medicina, favorecendo a inserção de recém-formados na profissão, e diluindo a atuação dos clínicos generalistas. (PEREIRA, 2006, p. 52-53). A partir daí começam a se institucionalizar especialidades, como médicos oculistas, médicos da pele, especialistas em medicina das mulheres, por exemplo, bem como especialistas em moléstias das crianças.

Nesse contexto, de finais do século XIX e início do século XX, ocorreria o surgimento de consultórios médicos voltados ao atendimento especializado da criança, os dispensários médicos, as policlínicas e hospitais que pretendiam atender somente crianças. Como vimos, é um momento de surgimento de novas percepções sociais e também de criação de instituições voltadas especialmente para o cuidado médico especialista em uma parcela etária da população. (PEREIRA, 2006, p. 91).

O surgimento da pediatria e da puericultura, - sempre andando lado a lado com a obstetrícia, “a medicina da mulher” – constitui-se no Brasil a partir de 1882, por Carlos Arthur Moncorvo Figueiredo, que “apresentou ao então ministro dos Negócios do Império Rodolfo Dantas texto intitulado *Rápida indicação dos motivos que justificam a criação nas faculdades de medicina brasileiras de uma cadeira de clínica de moléstias de crianças.*” (SANGLARD; FERREIRA, 2010, p. 440).

Em justificativa ao Governo Imperial para a criação dessa cadeira, Moncorvo de Figueiredo destacava: “A freqüência exagerada das moléstias que assaltam a infância, a sua crescida letalidade e finalmente as particularidades que oferecem tais moléstias demonstram a necessidade inadiável de se prestar à criança doente grande soma de cuidados especiais, cuidados que exigem por sua vez conhecimentos que só pode possuir o médico que se tenha consagrado ao estudo aliás difícil da patologia infantil”. (SANTOS; RESEGUE; PUCCINI, 2012, p. 4.)

Em 1881, Moncorvo de Figueiredo fundou a Policlínica Geral do Rio de Janeiro, local onde ministrou a primeira aula informal de pediatria em 01 de agosto de 1882. Informal porque as aulas e a especialidade ainda não estavam institucionalmente vinculadas com a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. “Durante todo o século XIX, predominou, no Brasil, o denominado ‘ensino livre’. Apesar de existirem faculdades oficiais, os estudantes poderiam frequentar também cursos particulares ou ‘livres’.” (PEREIRA NETO, 2009, p. 109).

Em 1883, oficialmente, foi criada a cadeira de Clínica Médica e Cirúrgica de Crianças na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que se manteve até 1911 (CIAMPO; CIAMPO, 2010, p. 11), e teve como primeiro catedrático o médico baiano Barata Ribeiro. (SANGLARD; FERREIRA, 2010 p. 444). “Foi nesse ambiente marcado por disputas que Fernandes Figueira se formou em pediatria e passou a fazer parte, juntamente com Moncorvo Filho e Luiz Barbosa, da primeira geração de pediatras brasileiros.” (SANGLARD, 2016, p. 21).

O período no qual Fernandes Figueira é acadêmico, coincide com a criação da cátedra de pediatria nessa faculdade, e o percurso dele enquanto pediatra se iniciou como assistente de Barata Ribeiro nessa cátedra. (SANGLARD, 2016, p. 21).

Segundo as autoras Renata Prudencio da Silva e Ana Teresa A. Venancio, apesar do médico Fernandes Figueira frequentar o curso informal de pediatria de Moncorvo de Figueiredo, ele também se interessava pela matéria psiquiátrica, considerando a tese de doutoramento defendida pelo mesmo, intitulada *Condições patogênicas e modalidades clínicas da histeria*, na Faculdade de Medicina no ato da sua formação. (SILVA, VENANCIO, 2003, p. 203). Explica-se assim, sua qualificação e gosto pelo trabalho na seção infantil do Hospício Nacional de Alienados, que assumiria mais tarde em 1904.

O reconhecimento de Fernandes Figueira enquanto intelectual no campo médico foi sendo construído a partir do seu doutoramento⁴ na Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro e das suas pesquisas publicadas no principal periódico da época, o *Brazil-Médico*, sobre o qual falaremos a seguir.

⁴ Como já foi colocado anteriormente, a partir da reforma de 1832, a Faculdade concedia os títulos de doutor em medicina, farmacêutico e parteiro. Essa titulação correspondia a uma graduação com especialidade, não um doutorado nos moldes atuais.

Fernandes Figueira e o Brazil-Médico

Segundo Gisele Sanglard, que analisa a biografia de Fernandes Figueira construída por Solidônio Leite em 1929, o médico, após se formar, teve um período de “isolamento” em Juiz de Fora, Minas Gerais. (SANGLARD, 2014, p. 87). Não se sabe exatamente o começo do período deste afastamento, mas supõe-se que seja entre 1894 e 1896, e a sua volta para o Rio de Janeiro acontece em 1900.

Em publicação de abril de 1928 do Brazil-Médico, num discurso de um mês da morte de Fernandes Figueira, o Dr. Fabino Sodré pontua: “Dez anos de repouso nas montanhas de Minas, bendito repouso para não bemdizer a doença que o provocou, permittiram a Figueira adquirir as bases de extraordinária cultura médica, encanto dos que o conheceram e dos que o lêem.” (SODRÉ, 1928, p. 417). Supõem-se com este trecho, portanto, que o período de afastamento pode ter ocorrido devido a alguma doença.

Apesar de não exercer serviço público neste período (embora tenha aberto uma clínica em Simão Pereira, distrito de Juiz de Fora), “seu isolamento foi apenas físico”. (SANGLARD, 2016, p. 22). Foi neste momento da vida que Fernandes Figueira teve a maioria dos seus sete filhos, e produziu o seu livro de maior destaque e consagração: *Éléments de Sémiologie Infantile* que seria publicado mais tarde. Também escreveu o *Diagnóstico das Cardiopatias Infantis*, e publicou alguns artigos no periódico *Brazil-Médico* neste período. (SANGLARD, 2016, p. 22-23).

As publicações em revistas periódicas eram a forma mais eficaz de circulação de ideias, em comparação com os livros e jornais cotidianos para se espalhar e comunicar conhecimento científico. (SÁ, 2006, p. 43). A explosão numérica das revistas após a mudança do regime político do fim do século XIX “só atesta essa enorme disposição intelectual em produzir e semear ideias novas”. (SÁ, 2006, p. 43).

Nesse caso dadas as minguadas condições técnicas que emperravam a publicação dos livros, a imprensa periódica tornava-se o vetor mais adequado para atender tamanho empenho, sobretudo pela veloz circulação dos seus produtos. As revistas tornaram-se, assim, o mais almejado espaço para a propagação de ideia e para uma dedicação sistemática à atividade pensante. (SÁ, 2006, p. 43-44).

A *Brazil-Médico*, revista semanal que era vinculada a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, começou a ser impressa em 1887, ano em que Fernandes Figueira se formou. Em 1888, o médico aparece nas informações do *Expediente* da revista como “Dr. Antonio Figueira”. Estava na lista de correspondentes das províncias, representando Lage de Muriahé – Rio de Janeiro. (EXPEDIENTE, 1888, p. 170). Em 1900, na sessão *Chronica e Notícias*, o pediatra aparece na lista de “Colaboradores Efetivos” da revista ao lado de outros renomados médicos brasileiros.

Para a longa existência do *Brazil-Médico* muito tem contribuído o seu atual corpo de redacção composto dos Drs. A. Sodrê, Bulhões Carvalho, Ismael da Rocha, Nina Rodrigues, Carlos Seidl, Brant Paes Lemes, Miguel Couto, Marcio Nery, Guedes de Mello, *Fernandes Figueira*, Oswaldo Cruz, Miguel Pereira e Luna Freire. (grifo nosso) (CHRONICA E NOTICIAS, 1900, p. 44).

O grande diferencial dessa revista, segundo Lilia Moritz Schwarcz, foi sua extrema regularidade e estabilidade. Em cinquenta anos nunca deixou de lançar um número, e manteve sua equipe de produção inalterada durante vinte e cinco anos. (SCHWARCZ, 1993, p. 218).

De acordo com Tania Regina de Luca, que discute sobre periódicos enquanto fontes históricas, os jornais e revistas são empreendimentos que reúnem indivíduos, tornando-os objetos coletivos, porque agregam pessoas em torno de ideias e valores que se difundem a partir da palavra escrita. (LUCA, 2006, p. 140).

Jean-François Sirinelli pontua que as revistas são um precioso lugar de análise do movimento das ideias e que são, também, “lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade”, (SIRINELLI, 2003, p. 249) e um “ponto de encontro de itinerários individuais unidos em torno de um credo comum.” (LUCA, 2006, p. 140). Dessa forma, as redações, assim como quaisquer outros espaços de sociabilidade (cafés, livrarias, academias), podem ser lugares onde se encontram diferentes linhagens políticas e estéticas, compondo redes que dão estruturas ao campo intelectual e que permitem refletir acerca da formação deste. (LUCA, 2006, p. 141).

A criação e direção da revista é atribuída a Azevedo Sodrê, médico e professor da cadeira de clínica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Segundo o diretor, havia urgência de criação de uma medicina brasileira original, na tentativa de se evitar o

“dogma estrangeiro”⁵ na construção de uma medicina nacional própria. (SCHWARCZ, 1993, p. 218-220).

Esta revista também começa a divulgar a profissão, no sentido de uma prática médica institucionalizada, em detrimento do “charlatanismo”, num distanciamento destes, na conformação de uma identidade de grupo dos médicos. (SCHWARCZ, 1993, p. 222).

Assegurar que aquela ‘nova geração’ era ‘científica’ ao contrário das anteriores, não significava somente valorizar-lhes os métodos práticos e experimentais. Os homens de ciência que se formaram e atuaram na virada do século XIX para o XX percebiam-se como os primeiros a contribuir para a fixação definitiva de instituições, padrões de análise e normas de conduta social para a ciência brasileira. (SÁ, 2006, p. 119).

Com o fortalecimento das práticas higienistas, a *Brasil-Médico*, se abre “nas primeiras décadas do século, para a entrada maciça de artigos na área de higiene pública e saneamento,” (SCHWARCZ, 1993, p. 226) e são os médicos cariocas, - se comparados aos médicos baianos, por exemplo, - que mais facilmente alcançarão posições de relevo na política nacional, justamente por sua proximidade com os locais de influência político-financeira do país, se tornando os principais responsáveis pelos projetos científicos e higiênicos de sucesso. (SCHWARCZ, 1993, p. 238). Segundo Tania Regina de Luca, a ênfase em certos temas, (assim como ocorrido na *Brasil-Médico*), a linguagem e a natureza do conteúdo não se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir. (LUCA, 2006, p. 140).

Fernandes Figueira publicava com certa frequência na revista e dessa forma, compartilhava desses dogmas vinculados pela mesma.

[...] apesar de ter se ido morar no interior, Fernandes Figueira se manteve em contato com a elite médica do Rio de Janeiro em sua forma mais visível: através das publicações no principal periódico da época. E é este contato que lhe permitiu publicar seus artigos e seu livro, sem contar sua ligação com importantes médicos e políticos do período, como Moncorvo de Figueiredo, Barata Ribeiro e Francisco Portella. Sua internacionalização deveu-se à sua

⁵ A historiografia dos intelectuais no Brasil se ocupa, desde a década de 1970, do tema das “ideias fora do lugar”. A expressão, cunhada pelo crítico literário Roberto Schwarz (1977), consagrou a interpretação da produção intelectual brasileira oitocentista pelo viés da ‘importação cultural’. Ostentatória e em descompasso com a ‘realidade nacional’, não passaria de uma cópia de modelos teóricos e estrangeiros, não poucas vezes contraditórios entre si ou já suplantados e obsoletos na própria Europa. (SÁ, 2006, p. 27-28).

tese, premiada pela ANM, que, segundo Solidônio Leite, fora publicada, em 1896, na revista britânica *Lancet* (LEITE, 1929: 8). (SANGLARD, 2014, p. 88).

De acordo com Gisele Sanglard, a publicação de Fernandes Figueira na revista britânica *Lancet*, portanto, seria sobre a sua tese premiada pela Academia Nacional de Medicina, mas ao analisarmos a publicação de Fernandes Figueira na revista, intitulada *An Essay on Clinical Urology in Infancy and Childhood*, (FIGUEIRA, 1896, p. 736-742), de 1896, percebe-se que não é a tese premiada que fora publicada, e sim a tradução de um artigo já publicado no *Brazil-Médico*, em 1894, intitulado *Semeiotica do aparelho uropoietico* (FIGUEIRA, 1894, p. 107), no qual trata sobre o sistema urinário das crianças.

Esta publicação na *Lancet*, aparentemente fora importante tanto para Fernandes Figueira, quanto para a revista *Brazil-Médico*, que publicou na seção de *Chronica e Noticias* sobre o ocorrido, dando “Distincção Honrosa” ao médico, título que dá certa notoriedade ao fato e as publicações de Fernandes Figueira:

Distincção Honrosa – A <Lancet>, da Inglaterra, acaba de verter para o inglez e publicar em suas columnas, acompanhado das mais lisonjeiras referencias ao seu autor, o trabalho de nosso distincto collega Dr. Fernandes Figueira, sobre a semeiotica, do aparelho uro-poietico das crianças.

O notabilissimo órgão dos conhecimentos medicos da Grã-Bretanha precede a publicação do trabalho de uma longa apreciação, em que salienta com toda a imparcialidade o valor dessa contribuição para o esclarecimento de um assumpto difficil de pediatria, qual o do aparelho urinario.

[...]

Nós felicitamo-lo pela honrosa distincção, que não é dado a muitos lograr, e que de certo modo representa sobre as lettras medicas brazileiras, tão pobres de cultores, merecido applauso. (CHRONICA E NOTICIAS, 1896, p. 360-361).

Esse movimento de distinção honrosa não deixa de ser uma tentativa de convencimento dos pares no Brasil de que tanto a pesquisa do médico, quanto a própria revista é confirmada por comunidades médicas estrangeiras. Nesse sentido, apesar de ser a revista *The Lancet*, - uma das mais antigas e conhecidas revistas médicas do mundo -, o fato de ser “estrangeira” já bastava para que a autoridade de tal comunidade estivesse reconhecida. (PEREIRA, 2006, p. 108-109).

Fernandes Figueira continuou publicando no principal periódico da época, mesmo quando afastado em Minas Gerais, se utilizando dos contatos com a sua estrutura

e rede de sociabilidades, - conceito utilizado por Sirinelli, (SIRINELLI, 2003, p. 231-269)
- ou seja, mantendo relação com a elite médica carioca.

A presença constante na *Brazil-Médico*, publicação oficial da Policlínica Geral do Rio de Janeiro e principal periódico médico do período, nos dá outro indício de como o médico construiu e manteve sua rede social – sobretudo no que concerne a sua relação com a elite médica da época. Fernandes Figueira publicou nessa revista em números de 1888, 1894, 1896, 1897, 1898 e 1899. À exceção do primeiro, publicado na seção de Bacteriologia sob o título “Micróbios e Câncer”, todos seus artigos versam sobre temas relacionados a pediatria, inclusive a resenha que fez sobre o trabalho de Moncorvo de Figueiredo, [...] publicado em 1985 na *Gazette Hebdomadaire de Médecine et Chirurgie* de Paris. (SANGLARD, 2016, p. 22).

A partir desses contatos e notoriedade nas publicações, ao retornar ao Rio de Janeiro, Fernandes Figueira começa a sua atuação médica de maneira mais direta e presente.

Começo da atuação médica no Rio de Janeiro

Já consagrado por suas publicações, Fernandes Figueira retorna em 1900 para o Rio de Janeiro (SANGLARD, 2016, p. 23) e, em 1903 foi eleito titular na Academia Nacional de Medicina. Depois “foi logo encaminhado ao serviço público pelas Mãos do sanitarista Oswaldo Cruz, tornando-se responsável pela direção da enfermaria de doenças infecciosas de crianças do hospital São Sebastião.”⁶

O pediatra ficou neste cargo de chefe da enfermaria das crianças entre 1900 e 1910. (SANGLARD; FERREIRA, 2014, p. 77). Esse foi o seu primeiro título de funcionário público. Seu contato inicial com Oswaldo Cruz, apesar de não documentado (SANGLARD, 2016, p. 23), se justifica por si só, através da sua rede de sociabilidades, em especial a construída na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e também na *Brazil-Médico*, no qual os dois possuem publicações e são citados. De qualquer forma, essa conexão “se deu em 1902, quando Oswaldo Cruz era diretor da Diretoria Geral da Saúde Pública”. (SANGLARD, 2016, p. 17).

⁶ Antônio Fernandes Figueira.

Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/Biograf/ilustres/antoniofernandes.htm>>. Acesso em: Junho de 2019.

Entre os personagens importantes para a sua trajetória, Fernandes Figueira cita, além de Oswaldo Cruz, Carlos Seidl, Juliano Moreira, Carlos Chagas, Eduardo Rabello, Plácido Barbosa, Leitão da Cunha, Alberto Cunha e João Albuquerque. Em comum, o fato de serem, todos médicos e, em sua maioria, vinculados à saúde pública na Primeira República.

Vê-se, portanto, que, em sua avaliação, era sua feição de homem público que merecia ser lembrada. E foi essa vertente de sua atuação que marcou a narrativa de seus colegas sobre ele. (SANGLARD, 2016, p. 17-18).

No mesmo ano em que foi eleito titular na Academia Nacional de Medicina, 1903, publicou o livro que o consagrou internacionalmente, *Elements de Semiologie Infantile*, com o prefácio de Victor Hutinel, conhecido médico pediatra francês. (SANGLARD, 2014, p. 89). A publicação do livro “logo adotado no ensino médico brasileiro e considerada por pediatras europeus a melhor no gênero.”⁷

No discurso pronunciado em nome da Sociedade de Neurologia e Psiquiatria, na ocasião de um mês da morte de Fernandes Figueira, publicado no *Brazil-Médico*, um médico chamado Fabino Sodré⁸ fala sobre o livro:

O seu livro <*Elementos de Semiologia Infantil*>, publicado em 1903, foi o primeiro resultado desse esforço... <em repouso>.⁹ Admirável de erudição <bem digerida>, si me permitem a expressão, com elle demonstrou Figueira estar ao corrente de toda a literatura medica, apresentando com apreciavel espirito critico o que havia de melhor e fora mais necessario vulgarizar. Extenso o capítulo sobre o systema nervoso, embora mais erudito talvez e menos clinico que os demais. Onde adquirir experiencia pessoal rapidamente, aos 30 annos de idade, si não possuimos no Brazil um unico serviço clinico de neurologia, nem mesmo para adultos? (grifos do autor) (SODRÉ, 1928, p. 417-418).

Fabino Sodré expressa reconhecimento para com as contribuições sobre neurologia infantil que Fernandes Figueira ofereceu. Também pontua no mesmo texto o

⁷ Antônio Fernandes Figueira. Disponível em: <http://www.anm.org.br/conteudo_view.asp?id=183>. Acesso em: Junho de 2019.

⁸ Os únicos dados relacionados a este médico que foram encontrados estão disponíveis nesse mesmo texto da revista. Fabino Sodré assina como “Médico da Assistência de Alienados do Rio de Janeiro” e em parte do discurso diz “vêde-me substituto de Figueira, vêde-me nesta tribuna, e não fui seu discípulo, e menos ainda seu amigo. Pequena injustiça, de que me supuz victima, separou-nos no limiar de minha carreira profissional. [...] Rotas as nossas relações sociaes, nunca deixei de lhe render as homenagens devidas ao seu real valor.” In: SODRÉ, Fabino. A Contribuição Neurológica de Fernandes Figueira. **Brasil-Médico**. Anno XLII, N. 16. Rio de Janeiro. 21 de abril de 1928. p. 417. Fora esta publicação do *Brasil-Médico* não se tem mais nenhuma informação sobre quem foi Fabino Sodré, visto que não teve mais publicações na revista, não está vinculado à Academia Nacional de Medicina, e nem é citado em nenhuma bibliografia. Não se tem certeza, mas supõe-se que seja algum sucessor de Fernandes Figueira no Hospital Nacional dos Alienados ou algo neste sentido.

⁹ Neste trecho, Sodré faz menção ao período de afastamento de Fernandes Figueira, nas montanhas mineiras, no qual estava em repouso por alguma suposta doença, porém continuou produzindo trabalhos científicos.

próximo passo da carreira do pediatra, a partir da publicação dos *Elementos de Semiologia Infantil*:

Mas lhe valeu a Figueira a prova de capacidade do seu livro, cousa tão rara em nosso paiz, por fixar a atenção e o apreço de Juliano Moreira, àquelle tempo occupado com a grande reforma da Assistencia a Alienados. Foi-lhe confiado o serviço clinico de crianças, inaugurando-se o Pavilhão de Bourneville em começo de 1904. (SODRÉ, 1928, p. 418).

O convite feito para Fernandes Figueira para chefiar a seção infantil do Hospício Nacional de Alienados:

corroborava seus méritos profissionais, colocando-o, mais uma vez numa posição não só de liderança, mas também de inovação frente à assistência e aos conhecimentos psiquiátricos da época que circulavam no contexto brasileiro, os quais não haviam sido explorados no que diz respeito à infância. (SILVA; VENANCIO, 2015, p. 204).

O próprio Fernandes Figueira deixou pontos destacados da sua trajetória para serem lembrados na sua biografia, que foi feita por Solidônio Leite, em 1929, e analisada em 2014 por Gisele Sanglard. Entre esses pontos, que segundo ele são dignos de serem lembrados, está o “seu trabalho junto a Juliano Moreira, no pavilhão Bourneville do Hospício Nacional de Alienados”. (SANGLARD, 2014, p. 82).

Gérard Leclerc assinala em *Sociologia dos Intelectuais* que um problema de ordem teórica e metodológica desta abordagem se refere “a abundancia do discurso dos intelectuais sobre si mesmos”. São tanto produtores de discursos, quanto produtos dos seus discursos. Tornando assim, um pouco complicado de reconstruir a biografia de maneira não “artificial”, considerando sua trajetória, bem como a sua memória (póstuma). (LECLERC, 2004, p. 12).

Jean-François Sirinelli aponta que no viés historiográfico dos estudos dos intelectuais também se tem dificuldade com a chamada “síndrome do mineiro”, com referência à abundância de documentação. (SIRINELLI, 2003, p. 244-245). Essa abundância de discursos intelectuais, e de fontes para o estudo destes, é de fato um obstáculo, pela quantidade de material a ser analisado, porém a reconstituição de uma simples biografia de determinado indivíduo pode vir a ser minimizador de sujeitos. De maneira alguma pretendemos isto com Fernandes Figueira. Um indivíduo durante a vida, participa de vários espaços, pode vir a trabalhar em diferentes lugares, conhecer várias pessoas, troca de opiniões ao decorrer do tempo, e, tudo isso simultaneamente,

não necessariamente numa ordem cronológica. Apesar disso, a estratégia de organizar a vida do sujeito em ordenação temporal nos ajuda a compreender de maneira mais clara alguns aspectos da trajetória, principalmente os de ordem institucional/profissional.

No Pavilhão de Bourneville, por exemplo, apesar de não se saber precisamente a datação em que Fernandes Figueira chefiou a sessão pediátrica, uma receita médica assinada pelo mesmo, de 11 de janeiro de 1924 ainda traz “pediatra do Hospital Nacional de Alienados”. (SILVA; VENANCIO, 2015, p. 204). E neste meio tempo, o pediatra ocupou vários outros cargos, de forma simultânea.

Em 1909, se inaugura a Policlínica das Crianças da Santa Casa de Misericórdia (SCMRJ, 1909-1928), onde Fernandes Figueira é diretor ao longo de 14 anos, até 1923. Essa Policlínica foi aberta a partir de financiamento filantrópico feito pelo diretor presidente do Jornal do Commercio, José Carlos Rodrigues. (SANGLARD, 2016, p. 58, 61).

A Policlínica das Crianças funcionava como uma policlínica especializada em saúde infantil, e seus serviços ambulatoriais e domiciliares serviram de laboratório para a experimentação de práticas de assistência sob as quais se apoiariam as políticas sociais de proteção à maternidade e à infância pobres instituídas por Fernandes Figueira a partir de sua nomeação em 1921 para a direção da Inspeção de Higiene Infantil (IHI) do DNSP, órgão de saúde de âmbito federal comandado por Carlos Chagas, na época também diretor do Instituto Oswaldo Cruz. (SANGLARD; FERREIRA, 2014, p. 78).

A Policlínica das Crianças resulta das várias ações filantrópicas relacionadas à saúde, que foram fundadas no Rio de Janeiro. Entre as ideias de Fernandes Figueira sobre uma boa filantropia para a infância, estariam a criação de consultórios de lactantes, associações maternas, creches, etc., ou seja, ao Estado caberiam ações maiores, como manutenção de hospitais, e para a filantropia ações mais pontuais. (SANGLARD, 2016, p. 59, 65).

A partir de uma consolidação mais prática da sua imagem enquanto médico, Fernandes Figueira idealiza ações para amenizar o “problema da infância”, e se encaminha para a década final de vida e os últimos postos institucionais que ocuparia, pontos que discutiremos no tópico seguinte.

Brasil higiênico, filantropia e os postos finais de trabalho

Quando falamos do contexto nacional da Primeira República, ou seja, o período de maior atuação de Fernandes Figueira, no início do século XX, perpassamos um momento que foi marcado pelo aumento da industrialização, da urbanização, aumento das práticas capitalistas e também a busca pela legitimação do pensamento científico, atrelado à ideia de “regeneração” do país, e a busca do fortalecimento da nação. (SCHWARTZ, 2015, p. 318-351).

Além da modernização estrutural das cidades, o poder público também tentava normatizar os hábitos e controlar o modo de vida das classes populares, com seus “péssimos costumes” que contribuía para a insalubridade da cidade, (CONCEIÇÃO, 2010, p. 4) e conseqüentemente “atrapalhavam” para o desenvolvimento da nação.

A princípio o projeto higienizador se preocupava com os problemas da estrutura e infraestrutura das cidades e das habitações, mas não demorou em se incomodar com os hábitos da população, numa dimensão social. O projeto começou com ações em três planos: no espaço público, no espaço privado e no modo de vida das pessoas. (CONCEIÇÃO, 2010, p. 3).

Os médicos tinham um grande papel na direção dos projetos higienistas, e esses projetos, continham ideias que foram absorvidas pela sociedade civil em geral, principalmente a elite, que acabou financiando vários planos desses intelectuais. “A filantropia é considerada uma das facetas da sociedade da belle époque carioca, que dirigia seu capital social, político e financeiro para a criação de instituições voltadas para o atendimento dos indigentes da cidade.” (SANGLARD, 2016, p. 60).

Os problemas enfrentados nesse período de começo do século XX, perpassavam além da estrutura física das cidades, e tocava sobretudo nos problemas sanitários e das epidemias. (MORAES; PRADO; CAPELATO, 1994, p. 61). E juntamente com a campanha iniciada por Osvaldo Cruz, como o decreto da vacinação obrigatória, por exemplo, já estava travado um combate contra o “problema da infância”, caracterizado pelo alto número de mortalidade infantil.

E essa preocupação com a mortalidade infantil, bem como a maternidade e a infância em si, também estava vinculada com necessidade de povoar todo o território brasileiro, que estava em sua grande parte, deserto, e que para se ocupar precisaria de um aumento na natalidade e de “políticas que garantissem o pleno desenvolvimento das crianças brasileiras.” (ALVES, 2014, p. 82).

Nesse ambiente ideológico saturado pelo higienismo, o “problema da infância” – representado principalmente pela elevada mortalidade infantil – foi situado no centro da proposta de reforma da sociedade brasileira, capitaneada pelas elites. Tomando a mortalidade infantil como a face visível da falta de cuidado com as crianças, os médicos brasileiros reforçaram a intenção – manifestada desde a segunda metade do século XIX – de enfrentar o “problema da infância” por meio de medidas higienizadoras. Tal estratégia iria envolver não apenas a assistência materno-infantil, mas também proposições a respeito da educação das mães, com vistas à educação física e moral das crianças. (FREIRE, 2006, p. 14).

As mulheres que tem supostamente esse “papel” de gerar vida, e criar esses cidadãos para o desenvolvimento do país, de certa forma, necessitavam de atenção do Estado, assim como seus bebês. Segundo Ismael Gonçalves Alves, a infância e a maternidade enquanto problemas do Estado, aparecem entre o fim do século XIX e início do século XX, quando as nações passam a ver as crianças como o seu futuro.

Por volta deste contexto, em 1910, Fernandes Figueira lança a primeira edição do *Livro das Mães*. O *Livro das Mães*, - principal obra de vulgarização científica do autor, - se constitui como um verdadeiro manual de maternidade, e auxiliava na educação das mães para com o cuidado e higiene dos filhos, fazendo parte, desta forma, de uma maneira encontrada pelo médico, de se fazer chegar os conhecimentos científicos até as mães, como uma forma de evitar a mortalidade infantil.

Nessa conjuntura, surgem instituições voltadas para resolver o “problema da infância”. (SANGLARD, 2016, p. 60). Na coluna “Associações Científicas” do *Brazil-Médico*, datada de 14 de setembro de 1917, no qual se discute sobre “Infancia abandonada e delinquente”, Fernandes Figueira assina como presidente e pontua que:

- Dr. Fernandes Figueira (Presidente) chama a atenção para a complexidade do problema de proteção á infancia em todos os paizes civilizados, complexidade talvez ainda maior no Brazil. Antes de tudo se declara um tanto conhecedor de algum lado pratico da materia, porque a sua actividade vem girando ha annos em torno das comissões de nossa administração publica. (ASSOCIAÇÕES SCIENTÍFICAS, 1917, p. 371).

As ações filantrópicas faziam um papel fundamental nesses projetos, no sentido de que as políticas públicas de assistência à infância ainda eram bem pontuais.

O pediatra Fernandes Figueira “considerava a ação filantrópica direcionada à infância como um *mal necessário* para resolver o problema da alimentação dos filhos das operárias.” (SANGLARD, 2015, p. 145).

Para ele, instituições pautadas no exemplo das Gotas de Leite incentivavam o aleitamento artificial (leite de vaca), o que ele considerava extremamente nocivo. Esse médico advogava que o único alimento possível para a criança de até um ano era o leite materno.

Fernandes Figueira era também reticente quanto ao uso da ama de leite, que para ele só era aceitável em duas situações: falta completa da mãe, por morte, ou desde que o filho da ama também mamasse junto (Figueira, 1905, 1919). [...] Para Fernandes Figueira, a alimentação artificial exporia a criança ao risco de morte, mas, no caso das operárias, aceitava o aleitamento misto (leite materno e de vaca). (SANGLARD, 2015, p. 145-146).

O Fernandes Figueira incentivava ações no sentido de instrução, como o consultório de lactantes, por exemplo, que tinha um baixo custo de manutenção, e se concentrava na educação das mães, no qual o lactente também teria acompanhamento médico. (SANGLARD, 2015, p. 146).

Na mesma discussão já citada anteriormente, referente à infância abandonada e delinquente publicada no *Brazil-medico*, Fernandes Figueira assinala sua posição acerca da filantropia:

Não é possível, os politicos delimitem um pouco a materia e dividam, como é urgente, as responsabilidades. A idéa de uma caridade, de uma misericordia, extendendo-se às desgraças todas da collectividade, cada vez maiores, só é defensavel, e, civilizações inferiores. Precisamos da união, da defeza, da cooperação das classes, tuteladas, si tanto, pelo Governo, e nada mais. Não haverá um erário bem opulento, que chegue para cobrir os crescentes infortunios. A nação obrigue cada clase a premunir-se com as Caixas Beneficentes, arranque dos hospitaes (pela regulamentação o aspecto humilhante da gratuidade, substituindo-o pelo de quota minima, organize a inspecção da primeira infancia (com os seus corollarios de um creche modelo e fiscalisação de todas as existentes), crie os tribunaes para menores, amplie na esphera judiciária a protecção aos abandonados. Só a defeza peculiar a cada classe - repete o orador - ha de ser efficiente. (ASSOCIAÇÕES CIENTÍFICAS, 1917, p. 372).

Já na reforma da saúde pública comandada por Carlos Chagas, na década de 1920, Fernandes Figueira assume a Inspeção de Higiene Infantil do Departamento Nacional de Saúde Pública, em 1921. As ações que ele toma enquanto diretor são experimentadas por ele na Policlínica das Crianças, no qual ele teve vínculo até 1924, “ano em que foi inaugurado o Hospital-Abrigo Arthur Bernardes (atual Instituto Fernandes Figueira/Fiocruz), vincula do à IHI¹⁰, que seria dirigido por ele e para onde levou boa parte de sua equipe da Policlínica das Crianças.” (SANGLARD; FERREIRA, 2014, p. 79).

¹⁰ Inspeção de Higiene Infantil do Departamento Nacional de Saúde Pública.

O papel de Fernandes Figueira como médico preocupado com a assistência à infância foi o mais difundido na imprensa leiga. Além do espaço destinado às ações Policlínica das Crianças, a inauguração do Hospital Abrigo Arthur Bernardes em 1927 também ganhou destaque, assim como a solicitação do ministro da Justiça do governo Washington Rodrigues para que ele fizesse um relatório sobre as condições da assistência à infância na cidade. Contudo, esta solicitação foi divulgada a 05 de fevereiro de 1928, um pouco mais de um mês antes de sua morte. (SANGLARD, 2014, p. 96-97).

Em outra discussão acerca da “mortandade infantil e alimentação” em sessão de 25 de outubro de 1921, da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, publicada no *Brazil-medico*, o Dr Moncorvo Filho pontua a falta de atenção pública para com as mães e as crianças, e celebra o novo cargo de Fernandes Figueira:

Dr. Moncorvo Filho refere-se ao abandono em que deixam os poderes publicos as instituições de proteção á infancia e á maternidade. Diz que felizmente os governos municipal e federal, estão tratando agora, com certo desvelo, desse assumpto. Refere-se a criação do serviço de protecção á infancia para o qual acaba de ser nomeado director um dos nossos mais conspicuos pediatras, o Dr. Fernandes Figueira. (ASSOCIAÇÕES SCIENTIFICAS, 1921, p. 259).

Fernandes Figueira, enquanto um nome importante da área da sua especialidade, partindo das leituras de seus trabalhos e suas ações nos cargos que ocupou, tem uma “preocupação com a educação da mulher de elite no tocante ao aleitamento materno, com o alimento do filho da trabalhadora pobre, este com maior risco de óbito pela má alimentação, e com a definição do que entendia como ‘boa filantropia’.” (SANGLARD, 2016, p. 58).

Considerações Finais

Fernandes Figueira teve sua biografia construída, e toda uma rede de sociabilidades restaurada. Trabalhou em algumas instituições através de ligações que compôs, como por exemplo o serviço público pelas mãos do próprio Oswaldo Cruz, entre outras relações que o fizeram participar de outras tarefas, e trabalhar em outros lugares. De fato, “Fernandes Figueira soube usar bem os contatos que fizera desde os tempos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.” (SANGLARD, 2016, p. 58). De qualquer forma, esta abordagem de itinerário intelectual, através da trajetória do sujeito, requer certas precauções, porque apresentam problemas de reconstituição com bastante frequência, e também certas complexidades nas questões de interpretação.

Além de médico, o intelectual mencionado tem uma preocupação social, política, que seria o combate ao “problema da infância”, marcado pela alta mortalidade infantil, e uma das propostas centrais da reforma higienista capitaneadas pela elite no começo do século XX. (ALVES, 2014, p. 80). Preocupação esta, que pode vir a marcar o seu papel enquanto “intelectual engajado”.

A partir disso, discutimos sobre as relações entre os médicos, os projetos políticos que estavam em debate no contexto, bem como a relação destes com a infância. Construímos parte da biografia de Fernandes Figueira considerando os espaços que o pediatra ocupava, e a conjuntura em que ele estava inserido, para assim podermos traçar a relação dele com o projeto político em voga.

Ao longo deste artigo, procuramos evidenciar a trajetória de Fernandes Figueira enquanto um médico e intelectual, o qual teve notoriedade no seu período de atuação, e, portanto, um discurso que era respeitado e autorizado por diferentes instâncias da sociedade, em especial no Rio de Janeiro, colaborando para que as práticas higienistas chegassem à infância e às mães, num processo de educação de corpos e de normatização da vida social. Nesse sentido, o pediatra, enquanto um homem do seu tempo, é parte integrante deste movimento, refletindo os ideais higiênicos em suas obras, discursos e ações.

Referências

ALVES, Ismael Gonçalves. *(Re)construindo a maternidade: as políticas públicas materno-infantis brasileiras e suas implicações na Região Carbonífera Catarinense (1920-1960)*. Tese. (Doutorado em História) – UFPR. Curitiba, 2014.

ASSOCIAÇÕES CIENTÍFICAS. Sociedade Brasileira de Pediatria: Infância abandonada e delinquente. *Brazil-Medico*. Anno XXXI, N. 43. 27 de outubro de 1917. p. 371.

ASSOCIAÇÕES CIENTÍFICAS. Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro: Mortandade infantil e alimentação. *Brazil-Medico*. Anno XXXV. V. II. N. 17. 5 de novembro de 1921. p. 259.

BOURDIEU, Pierre. Capítulo 3: Ilusão biográfica. In: *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus, 1996.

CHRONICA E NOTICIAS. *Brazil-Medico*. Anno X, N. 41. 1 de novembro de 1896. p. 360-361.

CHRONICA E NOTICIAS. *Brazil-Medico*. Anno XIV, N. 5. 1 de fevereiro de 1900. p. 44.

CIAMPO, Luiz Antonio Del. CIAMPO, Ieda Regina Lopes Del. Curso de Medicina e ensino de Pediatria nas escolas médicas brasileiras. *Pediatria*. São Paulo, 2010, 32 (1) p. 9-14.

CONCEIÇÃO, Carlos Lima da. A Bahia e a “civilização”: a cidade do Salvador no Brasil republicano. *Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama*. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, IFBA. N. 01. A. 1. Ago. 2010.

EXPEDIENTE. *Brazil-Medico*. Anno 2. Volume 3. Jan-Dez. 1888. p. 170.

FIGUEIRA, Fernandes. An Essay on Clinical Urology in Infancy and Childhood. A Chapter from an Unpublished Book on Diagnosis in Children. *The Lancet*. Volume 148, Issue 3811, p. 736-742, September 12, 1896.

FIGUEIRA, Fernandes. *Livro das Mães: Consultas Práticas de Hygiene Infantil*. 2ª Edição. Rio de Janeiro. Editores: Leite Ribeiro e Maurílio, 1920. In: SANGLARD, Gisele (Org.). Fac-Símile. In: *Amamentação e Políticas para a Infância no Brasil: A atuação de Fernandes Figueira, 1902 – 1928*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016.

FIGUEIRA, Fernandes. Os Microbios do Cancer. Revista de Bacteriologia. *Brazil-Medico*. Anno 2. Volume 3. Jan-Dez. 1888. p. 213.

FIGUEIRA, Fernandes. Semeiotica do aparelho uropoietico. Clinica Pediatrica. *Brazil-Medico*. Anno VIII. Num. 14. 8 de abril de 1894. p. 107.

FREIRE, Maria Martha de Luna. *Mulheres, mães e médicos: Discurso Maternalista em Revistas Femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920)*. Tese. (Doutorado em História das Ciências) – FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2006.

LECLERC, Gérard. *Sociologia dos intelectuais*. São Leopoldo/RS: Unisinos, 2004.

LEITÃO, Cândido de Mello. Fernandes Figueira Poeta. *Jornal do Commercio*. 21 set. 1947.

LUCA, Tania Regina. Fontes Impresas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto. 2006.

MORAES, José Geraldo Vinci de; PRADO, Maria Lígia; CAPELATO, Maria Helena (Coords). *Cidade e Cultura Urbana na Primeira República*. São Paulo: Atual, 1994.

NECROLOGIA. *Brazil-Médico*. Anno XLII. N. 11. 17 março de 1928. p. 310.

PEREIRA, Júnia Sales. *História da Pediatria no Brasil de final do século XIX a meados do século XX*. Tese. (Doutorado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

PEREIRA NETO, André de Faria. *Ser Médico no Brasil*. Editora Fiocruz, 2009.

SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SANGLARD, Gisele; et. Al. *Filantropos da Nação: Sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

SANGLARD, Gisele. Fernandes Figueira: ciência e infância – Rio de Janeiro, 1900-1928. *Intellèctus*, ano XIII, n. 2, 2014.

SANGLARD, Gisele. Fernandes Figueira e a política de assistência à infância: Estado, filantropia e aleitamento materno. In: SANGLARD, Gisele (Org.). *Amamentação e Políticas para a Infância no Brasil: A atuação de Fernandes Figueira, 1902 – 1928*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016.

SANGLARD, Gisele; FERREIRA, Luiz Otávio. Médicos e filantropos: a institucionalização do ensino da pediatria e da assistência à infância no Rio de Janeiro da Primeira República. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 26, nº 44: p.437-459, jul./dez. 2010.

SANGLARD, Gisele; FERREIRA, Luiz Otávio. Pobreza e filantropia: Fernandes Figueira e a assistência à infância no Rio de Janeiro (1900-1920). *Est. Hist.*, Rio de Janeiro, vol. 27, nº 53, p. 71-91, janeiro-junho de 2014.

SANTOS, Renata Cavalcante Kuhn dos; RESEGUE Rosa; PUCCINI Rosana Fiorini. Puericultura e a Atenção à Saúde da Criança: Aspectos Históricos e Desafios. *Journal of Human Growth and Development*. 2012; 22(2): 160-165.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARTZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. Capítulo 13: “A primeira República e o Povo nas Ruas”. In: *Brasil: Uma Biografia*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Renata Prudêncio da; VENANCIO, Ana Teresa A. Fernandes Figueira: ciência e assistência médico-psiquiátrica para a infância no início do século XX. In: SANGLARD, Gisele; et. Al. *Filantropos da Nação: sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. (Org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SODRÉ, Fabino. A Contribuição Neurológica de Fernandes Figueira. *Brasil-Medico*. Anno XLII, N. 16. Rio de Janeiro. 21 de abril de 1928. p. 417-418.

Enviado em: 15.10.2019

Aceito em: 12.12.2019